

A ACOLHIDA COMO FUNDAMENTO DA PEDAGOGIA FRANCISCANA

WELCOME AS A FOUNDATION OF FRANCISCAN PEDAGOGY

Liliane Alves Pereira¹

Marcio Paulo Cenci²

RESUMO

As práticas de ensino passam pela acolhida das novas gerações em instituições educacionais, principalmente por escolas e universidades. Como ocorre a compreensão dessa acolhida? E nas escolas franciscanas? A compreensão das práticas de acolhida se conecta com a noção de encontro franciscano? Para traçarmos as bases dessa compreensão, neste artigo, apresentamos as práticas de acolhida em São Francisco de Assis e Madre Madalena Daemen. Discutiremos binômios conceituais acerca do ouvir e escutar e da simpatia e empatia, como práticas associadas à acolhida. Após isso, apresentaremos o fundamento do encontro na tradição franciscana pensada em termos de relação como constituinte da pessoa.

Palavras-chave: Ensino, Pensamento franciscano, Acolhida, Encontro.

ABSTRACT

Teaching practices involve welcoming new generations in educational institutions, mainly schools and universities. How does the understanding of this welcome occur? And in Franciscan schools? Is its understanding of welcoming practices connected with the notion of the franciscan encounter? In order to trace the bases of this understanding, in this article, we present the reception practices in San Francisco and Mother Magdalena Daemen. We will discuss conceptual binomials about hearing and listening and sympathy and empathy, as practices associated with welcoming. After that, we will present the foundation of the encounter in the franciscan tradition thought in the terms of relationship as a constituent of the person.

Keywords: teaching, franciscan thought, welcome, encounter.

1 Doutora e Mestre em enfermagem pela FURG, especialista em Bíblia pela EST, professora da Universidade Franciscana em Santa Maria, RS. email: liliane.pereira@ufn.edu.br

2 Doutor em Filosofia pela PUCRS. Mestre em Filosofia pela UFSM Licenciado em Filosofia pela UNOESC-Chapecó. Professor da Universidade Franciscana em Santa Maria, RS. E-mail: mpcenci@prof.ufn.edu.br

INTRODUÇÃO

Estamos em um itinerário e como tal, faremos um caminho conjunto de acolhimento que transita pela pedagogia franciscana, mas vai além, conduz-nos a encontros conosco, com os outros, com o mundo e com Deus. Todo encontro supõe acolhida, do contrário é reduzido a um mero “passar por”, esbarrar (MERINO, 2000). O encontro é um fenômeno estrutural da condição humana. Ele constitui a condição de existência humana como ser relacional sob a perspectiva franciscana. A acolhida passa por assumir essa condição e ser uma prática cotidiana. A escola e a universidade são ambientes que promovem encontros por excelência. A pergunta que podemos nos fazer diz respeito ao peso da acolhida para o encontro que tem lugar nas nossas escolas e universidades. Como tomamos posição frente ao mundo que produz isolamentos e estimula individualismos?

O papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG, 2), faz um desenho dos riscos envoltos ao mundo atual:

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo de fazer o bem. (FRANCISCO, 2013, p. 03)

Essa consciência isolada, fechada nos próprios interesses, é descrita usualmente como individualismo. Um tipo de fechamento ético no próprio ego, bloqueando as relações com outros. Tal individualismo desumaniza, pois corrói as bases do reconhecimento do outro. Ao fechar em si, em seus interesses materiais e superficiais, ficam reduzidas tanto a vida interior, quanto à potência das relações com os outros. Desse modo, reduzem-se os encontros e, por consequência, há a impossibilidade de acolhida. Cria-se um ciclo vicioso em que o individualismo produz um fechamento em si em uma espiral narcísica até o fundo da degradação humana ou da desumanização (HAN, 2017).

No mundo atual, o outro é transformado em mero objeto de troca ao qual vale a aproximação se houver alguma compensação em vista. Adela Cortina nos mostra isso com evidências ao criar e sustentar o sentido do termo *aporofobia* para designar a repulsa ou aversão voltada aos pobres e àqueles que nada podem ou tem para oferecer em troca (CORTINA, 2020). A emergência de um termo como *aporofobia* é sintoma de como estamos nos distanciando, como humanos, da relação com outros e, de forma mais chocante, dos mais fracos e necessitados. Como os mais necessitados tornam-se no mundo atual um modelo de fracasso, pois nada tem a oferecer, não há razões objetivas ou pragmáticas de buscarmos acolhê-los. A posição de Cortina (2020) destaca a necessidade de, via educação, construirmos condições para uma hospitalidade cosmopolita que supere o critério de troca ou de mutualidade pelo de compaixão. Portanto, se o encontro não tem sentido nas lógicas do mundo atual, precisamos construir ou recuperar o sentido de acolher a todos, sem distinção.

O papa Francisco em seu humanismo do encontro nos exorta a uma tomada de posição a partir do fato inicial do ser cristão. Para isso, relembra Bento XVI em sua carta Encíclica *Deus caritas est* (DC, 1):

“Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”. (BENTO XVI, 2005, p. 01). A tomada de posição se dá a partir do horizonte evangélico, por isso, não um tipo de decisionismo de indiferença, do tipo ou isso ou aquilo, mas desdobramentos da posição tomada a partir de um horizonte fundamental que tornam a acolhida e o passo para o encontro uma necessidade. No horizonte fundamental evangélico, a acolhida e o encontro do outro, principalmente do mais necessitado, configuram as razões suficientes para superar a consciência individualista do mundo atual.

O sentido de acolhida se constitui como uma preparação para a relação. Ela é um pressuposto tanto à vida em comunidade e ainda mais quanto às relações entre pessoas, do contrário haveria somente uma sociedade de indivíduos mutuamente desinteressados. A acolhida pode ser entendida como uma forma de demonstrar o interesse pelo outro, não por sua utilidade ou de forma pragmática, mas um interesse que conduz ao cuidado. Nesse sentido, nos perguntamos como a pedagogia franciscana nos motiva para acolhida cotidiana? Ou como a pedagogia franciscana nos influencia e prepara às experiências de acolhida no dia a dia? Propomos um conjunto de argumentos, ainda esboçados de forma incipiente, para pensarmos a natureza da acolhida como um pressuposto da pedagogia franciscana do encontro.

Para desenvolvermos esses argumentos vamos discutir as práticas de acolhida em São Francisco de Assis, depois discutiremos os conceitos de empatia, simpatia, sobre o ouvir e escutar. Assim, estamos preparados para analisar a noção de relação no pensamento franciscano e seus desdobramentos. E por fim, discutiremos o sentido da acolhida em Madre Madalena.

Acerca do método utilizado para desenvolver esse artigo, pode-se dizer que se trata de uma narrativa que emergiu de uma roda de conversa, desenvolvida em um curso intitulado Itinerário Franciscano, ocorrido mensalmente; em cada mês fora dada ênfase para uma característica ou experiência da espiritualidade franciscana e a inspiração nas práticas educativas.

ACOLHIDA EM SÃO FRANCISCO DE ASSIS

A acolhida como uma prática que possibilita o encontro foi vivenciada de forma profunda por São Francisco de Assis. As narrativas são intensas. Os encontros com o leproso, o irmão que chega de viagem, o sultão, o bispo, o lobo, dentre outros, possuem um valor por si, como uma pérola de reconhecimento da presença de Deus em cada ente. O valor do encontro está na gratuidade dos dons do Senhor, pois Francisco, vendo tudo e todos como uma graça de Deus, esteve pronto para os encontros fundamentais.

Os encontros nas narrativas acerca de São Francisco são permeados por dois pressupostos detectáveis nos excertos na sequência. O primeiro é que todo encontro se caracteriza por um ato de acolher independente da condição (exterior) do outro. Segundo, a acolhida exige uma pausa necessária e assim respeita o tempo e a necessidade do outro. Por esse respeito, a acolhida se torna um ato de cuidado (pois há uma atenção voltada ao tempo presente e as marcas do coração daquela pessoa).

Certamente um dos trechos mais impactantes de São Francisco de Assis está descrito no início de seu Testamento. Como uma espécie de relato biográfico, Frei Francisco, no final da vida descreve a sua conversão. A conversão é visceral pois não muda somente as práticas exteriores, Deus concede a Francisco fazer a penitência, e com isso mudar de vida, e a proximidade, o encontro com os leprosos que an-

tes produzia a sensação física de amargor, diríamos hoje, algum tipo de aversão, ao ser conduzido pelo Senhor, ou seja, não foi um ato solitário de um sujeito autocentrado e isolado, mas ao ser conduzido, tem uma conversão de sua experiência inter e não somente reconhece o leproso como alguém mas tem seus padrões sensoriais alterados: do amargor passou a sentir doçura de corpo e de alma. Apresentamos aqui um excerto do Testamento de São Francisco de Assis (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2004):

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como se estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo; e, depois, demorei só um pouco e saí do mundo. (Testamento, 1-3)

Na 1 Cel, 17, Celano descreve como Francisco reconhece, arrepende-se, de fato, de não ter se dedicado a honrar a Deus por meio da atenção ao pobre. Por isso, coloca-se um propósito de se manter cortês, ou seja, nada negar a quem pedir algo por amor a Deus. A atenção ao outro se dá por ser uma forma de honrar a Deus, independente da condição de quem pede. Por isso, narra como seria possível assumir a cortesia como um método de relação com os outros (MERINO, 2000). Diz Celano (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2004),

Pois, num dia, contra seu costume, porque era muito cortês, - ao censurar a um pobre que lhe pedia esmola, imediatamente levado pelo arrependimento (cf. Mt 27, 3), começou a dizer consigo mesmo (cf. Lc 7,49) que era grande vitupério e grande desonra negar as coisas pedidas a quem pede em nome de tão grande Rei. Em seguida, colocou em seu coração (cf. Sl 13, 1; At 5,4) [o propósito de] que daí em diante, na medida do possível, a ninguém que lhe pedisse por amor de Deus negaria algo. E isto ele fez e cumpriu com a maior diligência até oferecer-se totalmente a si mesmo de todos os modos, tornando-se antes cumpridor do que ensinador do conselho evangélico: “Dá àquele que te pede e não te desvies daquele que quer pedir-te emprestado.” (cf. Mt 5, 42). (1 Cel, 17)

Outro evento importante para nossa discussão é o encontro de Francisco com o Sultão do Egito Malek al-Kamel. Esse evento ocorreu em Damietta, Egito em 1219, durante a quinta Cruzada. O encontro é marcante pois representa um autêntico diálogo interreligioso realizado em um ambiente hostil. Os relatos que nos chegam, principalmente de Celano, enfatizam a hostilidade de uns e o tratamento honroso oferecido pelo sultão. Vejamos (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2004):

Antes de ter acesso ao sultão, capturado pelos correligionários, atacado com ultrajes, castigado com açoites, não se amedronta; ameaçado com suplícios, não teme; com a morte planejada não se apavora. E, embora tivesse sido maltratado por muitos com ânimo bastante hostil e com espírito adverso, no entanto, foi recebido pelo sultão com muita honra. (1Cel, 57)

Contudo, esse passo mantém até hoje o claro espírito de abertura ao diálogo interreligioso entre os franciscanos. Como diz Frei Francisco Patton,

Como franciscano creio que posso dizer que o testemunho eficaz sempre tem uma conotação de ‘minoridade’, ou seja, que entra na vida dos outros na ponta dos pés, sem pretensões, com abertura de coração e disponibilidade. Se não houver esta premissa, as nossas palavras, que também são muito importantes e devem ser um eco da Palavra, vão ressoar no vazio ou como uma tentativa de persuasão que não sabe respeitar a ação do Espírito na consciência do irmão. (PATTON, 2019)

Essa minoridade é um passo fundamental para a acolhida. Sem estar aberto e disponível, pode-se recair na vaidade ou soberba, ou se recai no vazio do hiperindividualismo de quem não encontra realiza um ato concreto de se encontrar com outra consciência (PEREIRA, COSTA, 2022). nem sempre a acolhida da parte do outro está garantida. Precisamos criar condições para realizar encontros que sejam respeitosos e que cultivem a humanidade em todas as suas formas.

ALGUNS BINÔMIOS: SIMPATIA, EMPATIA, OUVIR E ESCUTAR

Ao tratar da acolhida é importante trazer elementos próprios que constituem a relação humana e nela fundamente o modo de ser com a outra pessoa e ser para a outra pessoa, especialmente quando o encontro exige uma acolhida pautada em um pressuposto espiritual como o é os pressupostos de São Francisco de Assis e de Madre Madalena Daemem.

A acolhida na base da simpatia está aberta aos iguais. Simpatiza-se com quem se reconhece. A simpatia está fundamentada no pressuposto dos idênticos, da lógica dos gostos. Almeida (2014) recorda que no encontro com outras pessoas, há dois movimentos importantes em que o ser humano faz; a simpatia que nasce do sentir com, estar com a pessoa, afeiçoar-se a ela e a antipatia sentir contra uma espécie de afastamento, ambas reconhecem a alteridade do outro, mas a forma de aproximação é diversa. O mesmo autor recorda que o movimento feito pela lógica da simpatia é uma ativação apenas do corpo físico, do fato de você está de frente a outro, mas que não é tão reconhecido assim, seu olhar volta-se para a percepção a partir de si mesmo.

A empatia é o conhecimento imediato ante ao outro vivente para Stein, há uma compreensão da humanidade que forma a pessoa, assim ela se expressa “eu não posso jamais ouvir nem ver o impulso interior do outro ser vivo, assim tampouco posso eu realizar esse impulso mesmo, nem ter consciência dele”. Isso confirma que no desenvolvimento da empatia há uma acolhida necessária de um outro, algo desconhecido, próprio de cada ser humano, um ser alheio, que como eu é capaz de promover movimentos livres o que constitui, inclusive este ser como humano (FARIAS, 2013).

Outro fator importante na acolhida e está intrinsecamente conexas com a empatia é a relação intersubjetiva. Essa relação se baseia na capacidade que cada um tem de se reconhecer, a consciência de que você só pode ser você quando há um outro diferente e isso pode firmar sua própria vivência. Assim, de certa forma eu posso ‘entrar’ na vivência dele e fazer a experiência mesma do conteúdo vivido. Mas, jamais poderei sentir o que a pessoa sente e decidir tal como a pessoa decide, isso faz com que essa relação de intersubjetividade reafirme a empatia.

Dessa forma, na experiência da acolhida é imprescindível colocar nossos sentidos a disposição do outro, fazer desse momento o tempo pleno de si especialmente pela capacidade de escutar.

É preciso atentar-se para o significado das palavras que, a princípio parecem sinônimos. Contudo, ouvir segundo o dicionário significa entender, perceber os sons pelo sentido do ouvido. Luz (2022) diz que, no ato de ouvir, a pessoa está utilizando o aparelho auditivo. Pode-se dizer que a atenção de quem ouvi é flutuante, na audição não há detenção em um ponto da fala.

Escutar, por sua vez, é a capacidade que o ser humano tem de prestar atenção, de compreender, de perceber, de sentir o que está sendo dito. Na escuta os interlocutores vão além do que é dito, eles fazem leitura do espaço, visibilizam as reações não verbais, colocam-se por inteiro na experiência vivencial (LUZ,2022).

Para Luz (2022), escutar é uma arte que proporciona conhecer novas realidades, explorar novas emoções, conhecer em profundidade a outra pessoa e contemplar no outro o que ele tem de melhor. A escuta exige sensibilidade moral, espaço em que as humanidades se encontram e as autonomias se modificam (PEREIRA, 2019). A escuta, pressupõe acolhida do ser humano como um todo.

Merino (2007) apresenta o Francisco de Assis que soube descobrir, acolher e assumir o lado negativo de sua pessoa, do outro, da fraternidade, da sociedade e da igreja. Essa escuta de si e das suas sombras leva o ser humano ao mais profundo de si, sem dobras, futilidades ou desonra. Merino (2007) afirma ainda que, o pensamento franciscano não se fixa tanto no bom ou no mau, mas no real e concreto, e que as consequências experimentadas no ser humano estão fundamentadas nas suas próprias atitudes. Há uma falibilidade na pessoa que pode emergir em diferentes realidades. Portanto, a escuta é um processo dialógico, que passa, necessariamente pelo ato de ouvir, mas não pode ficar nesta condição, é preciso reconhecer as humanidades que se encontram, as diferenças que compõe cada um, mas ao escutar a comunicação torna-se fluida e a audição torna-se um elemento essencial, mas não é a única possibilidade, nosso corpo fala e nossos sentidos escutam, nossas diferenças comunicam.

RECEPÇÃO E ACOLHIDA: PESSOA COMO RELAÇÃO

Receber embora seja uma ato importante, nem sempre envolve a acolhida. Pode-se cair no formalismo de uma recepção sem que haja acolhimento. O acolhimento necessariamente envolve a escuta. A escuta exige a relação entre pessoas. Mas, tal relação é um ato que passa por algum tipo de decisão nossa ou compõe nossa natureza. O pensamento franciscano, como veremos a seguir, foi firme na consideração de que a relação é um componente essencial da nossa natureza.

A pessoa humana é relação. Essa tese para ser desenvolvida deve mostrar como a existência humana possui singularidade e o modo de existir envolve certa abertura (RODRIGUES, 2013). São Boaventura O.F.M (1221-1274) afirmou: “Além disso, a pessoa é definida por sua substância ou pela relação; se se define pela relação, a pessoa e a relação serão conceitos idênticos” (BOAVENTURA apud MERINO, FRESNEDA, 2006, p. 180, em espanhol). A relação não é um predicado, algo que se diz da pessoa. Em outros termos, a relação não é um predicado, mas um modo transcendental. Se a relação fosse um predicado seria algo como uma característica igual às outras. Um algo que é dito sobre uma coisa, mas também poderia ser negado (CENCI; RUTTKE, 2019).

O conceito de ‘relação’ carrega um tipo de respectividade, como certa polaridade de um eu/ego e um outro/*alter*. Somente existe relação, se os lados (*relata*) estiverem abertos à relação e se possuírem

algo de próprio a oferecer. Ora, isso significa basicamente que, para alguém estar em relação, deve ter algo a oferecer como algo de próprio, a saber, singular. Assim, a relação somente se dá se for possível a própria singularidade. Ela se constitui como algo de próprio, de irrepetível e incomunicável. Essa singularidade é incomunicável por ser impossível de ser alterada em uma relação.

Contudo, a abertura é a condição da pessoa em estar sujeita a certas modificações proporcionadas ou produzidas da parte de si ou de outros. Descreve a condição da pessoa em não estar restrita ao modo existir tal qual está dado no aqui/agora. O limite não é descrito em termos de impressões sensoriais de um indivíduo que se auto satisfaz. Mesmo que a abertura sugira a necessidade de um mundo, um contexto, ou as circunstâncias com força de influência nas condições de existência de alguém, estar aberto é assumir a condição de mutável.

Contudo a pessoa não é somente mutável, há também a singularidade como marca da existência. Somente pode haver mudança, se em algum momento algo foi estável. Assim, a relação depende da abertura para ser modificada por outros, mas também, de uma singularidade, que possa modificar a outros. Temos assim as duas condições existenciais da relação: abertura e singularidade.

Em termos existenciais, a pessoa humana como relação indica uma dinâmica própria da existência individual finita, como *homo viator*, ou seja, estar sempre a caminho, vive no tempo, mas deseja algo além das impressões sensoriais espaço temporais. Coloca-se como uma forma de projeto que transcende o cotidiano da vida. (MERINO, 2000).

Como pessoas humanas, estamos em relação em vários níveis ou ordens: desde uma relação consigo mesmo; com os outros; com a natureza e o mundo natural; e com o transcendente, divindade ou Deus. Na ordem da relação comigo mesmo, evidencia-se a capacidade de autorreflexão, na medida em que conseguimos analisar os nossos atos, pensamentos, desejos, e fazer considerações que modifiquem a nós mesmos. Em termos existenciais, podemos dizer que é a tentativa de autoconhecimento ou as buscas por uma vida autêntica. É a ordem mais íntima da liberdade e da autenticidade em que se realiza essa relação.

A ordem da relação com os outros se revela em todas as situações, circunstâncias, em que nos relacionamos com os outros. O outro é além de um diferente é um *alter*. Uma outra identidade que não pode ser submetida aos meus padrões de ação e reconhecimento identitário. As atitudes básicas de repulsa ao outro são a intolerância e o desrespeito, a negação do outro e, por fim, a violência. Uma atitude de aproximação ao outro em que ele é compreendido em sua forma de estar no mundo que também constitui a nossa identidade somente é possível pelo diálogo e exige respeito. De modo mais claro, evidencia-se aqui o cuidado com os outros nas formas de reconhecimento e na construção de relações de fraternidade.

A relação com a natureza se evidencia nas relações com o mundo natural em seus diversos graus. Desde as práticas de consumo até o cuidado com os humanos e outros seres vivos. Nessa relação, surge a ideia da conexão da cosmovisão franciscana com práticas de sustentabilidade, ética da frugalidade e um modo mais consciente de estar no mundo. Em outras palavras, aqui aparece a ideia da possibilidade de uma fraternidade cósmica, a saber, a ideia de que todos os seres estão em uma relação de irmandade, dado que todos possuem uma mesma origem, e estão em uma relação de interdependência. Contudo, não implica em colocar a natureza no centro, mas em um ato de profundo respeito à vida, em um novo

humanismo, tal como o sugerido pelo papa Francisco no que se chama desde a *Laudato Si* de premissas para uma ecologia integral em que: “(...) coloca-se no centro o valor próprio de cada criatura, em relação com as pessoas e com a realidade que a rodeia, e propõe-se um estilo de vida que rejeite a cultura do descarté.” (FRANCISCO, 2019, p. 05). Guimarães e Alves (2022, p. 14) esclarecem isso:

O papa tem resgatado uma visão de ser humano como centro e fim das ações econômicas, nelas incluídas também as conquistas tecnológicas, mas sem perder de vista que mulheres e homens não subsistem desconectados da imensa teia da qual depende toda a forma de vida. Com essa compressão, Francisco se distancia do antropocentrismo tipicamente moderno. A própria ideia de centro parece esvanecer. O ser humano é o centro como toda forma de vida é centro e está no centro.

A relação com o transcendente, com Deus, é de um tipo especial. Merino (2000) discute se o homem com Deus poderia ter algum tipo de encontro, mesmo um encontro absoluto. Não é, certamente, um tipo de relação em que os dois lados são modificados. De nossa parte, desde a perspectiva humana, finita e limitada, há total abertura e confiança. É um tipo de confiança no absoluto acolhimento de nossa condição. Em Deus, não haveria exclusão, pois somente há amor.

A relação com Deus pode ser descrita como uma experiência que nos eleva para além de nossos interesses particulares e pragmáticos, proporcionando a certo acesso à contemplação (estética) do mundo, dos outros e de si. Certamente poderíamos descrever essa relação em termos de experiências místicas e espirituais, pois as narrativas baseadas em padrões de descritivos são limitadas em demasia. São Francisco de Assis e Madre Madalena Daemen alcançaram essas experiências em suas vidas, modificaram a si e aos outros.

ACOLHIDA EM MADRE MADALENA DAEMEN

Ao internalizar a espiritualidade franciscana, Madre Madalena Daemen, fundadora da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, expressa de forma singular o sentido da acolhida nos inícios da congregação. Cools e Winpersee, (1966) relatam que quando a segunda senhora, Gertrudes Kirkels vai a Madre Madalena para formar comunidade e disse a ela que “possuía apenas dois braços fortes” Madre Madalena responde seja bem vinda, Deus abençoe sua entrada, Ele a enviou a mim, Ele sabe que necessito de ajuda. São essas palavras que demonstram a capacidade que Madre Madalena tem de acolher cada uma das pessoas que iam ao seu encontro. Suas palavras não eram afáveis, na lógica do sentir, mas eram acolhedoras da singularidade de quem buscava unir-se a ela na construção da obra que não era dela, mas de Deus.

Assim, aconteceu que ao encontrar a jovem Maria Catarina Deckers, apertou-lhe cordialmente a mão e disse uma única frase “vamos servir juntas ao bom Deus”. Notadamente, o encontro transparece mais do que uma mera causalidade, mas ambas, Madre Madalena e Catarina, tinham a disponibilidade do coração para fazer movimentos necessários, quando uma pessoa encontra verdadeiramente a outra. Assim o é também com a Ana Maria, a primeira a encontrar-se com Madre Madalena, nesta acolhida as palavras de Madre Madalena soam como uma profecia “Sim, sim, Deus a envia, fique comigo”.

Tem uma atenção especial no ato de acolher, uma afeição toda própria na relação estabelecida entre Madre Madalena e as três primeiras companheiras.

Vale ressaltar que, nos primórdios Madre Madalena ainda não tinha fundado oficialmente a congregação, então ao acolher essas jovens era dividir com elas o projeto estava se amoldando, era partilhar de si, do desejo de Deus para aquelas que viam ao seu encontro e a então Catarina Daemem - Madre Madalena também estava escutando o desejo de Deus para si e para todas essas jovens que foram sintonizando os corações e as vontades à vontade de Deus.

Outro dado importante é a singularidade com que esses três episódios são constituídos: cada uma é acolhida a partir de suas características individuais, fazendo com que, cada uma sinta sua individualidade presente no ato de acolher. Entretanto, essa individualidade não prescinde da consciência do objetivo de todas, servir juntas ao bom Deus. Na mesma perspectiva, está a certeza de que o encontro acolhedor é um movimento feito por dois seres humanos que precisam reconhecer-se nesta relação de encontros e encontrantes.

Assim a própria Madre Madalena oferece uma boa estratégia de acolhimento quando diz “vivamos como verdadeiras filhas de São Francisco e Deus cuidará de nós”. A acolhida franciscana não é um comportamento é uma atitude vivencial, é uma renovação constante do seu ser e do ser para os outros, para a realidade que está ao redor (HOSTER, 1862).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preparação das próximas gerações exige a capacidade de acolhida de nossas instituições de ensino. Principalmente, se considerarmos as instituições da Rede SCALIFRA-ZN, teremos desafios mais claros pois tem no seu fundamento a experiência de São Francisco de Assis e de Madre Madalena Daemen, dois mestres da acolhida. Não basta somente ouvir, será necessário escutar o outro com o valor dessa dimensão. A simpatia de acolher quem mais nos agrada também precisa ser superada para um tipo de conversão empática capaz de ver a humanidade e, com isso, a manifestação de Deus.

Essa acolhida é uma condição para o encontro, que tem seu lugar na escola, na universidade, mas de forma mais fundamental, na vida. Constitui uma condição de nossa forma de estar no mundo como seres relacionais e finitos. Por isso, além de sermos exemplares na acolhida, é necessário que a formação educacional forme as próximas gerações com consciências dos males do hiperindividualismo e de todas as formas de exclusão.

A acolhida é um desafio para nossas formas de vida, pois nos propõe a olharmos aqueles dos quais queremos evitar. Por isso ela se apresenta como um projeto de constante revisão e cuidado para o desenvolvimento de uma educação que promova a paz e desenvolva um humanismo solidário.

REFERÊNCIAS

CENCI, Márcio Paulo; SALTIEL, Eduardo Ruttke von. **Antropologia e cosmovisão Franciscana**. Santa Maria: UFN, 2019.

COOLS, IA; WINPERSEE, IHV de. **Madre Madalena e sua congregação**: Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, 1966.

CORTINA, Adela. **Aporofobia**, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia. Tradução de Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

DA LUZ, Valéria do Socorro Rodrigues. A IMPORTÂNCIA DE SABER ESCUTAR, ALÉM DE OUVIR. **Recife**, 2022, p. 43.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Petrópolis. Editora Vozes, 2004.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si'; Louvado sejas**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3yIPV7b>. Acesso em: 26 jan. 2023.

GUIMARÃES, Joaquim Giovanni Mol; ALVES, Clademir Francisco, Apresentação. GUIMARÃES, Joaquim Giovanni Mol (*et al.*). **O novo humanismo**: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2022. p. 09-30.

MERINO, Antônio. **Francisco de Assis e tu**. Braga: Franciscana, 2007.

MERINO, J. A.; FRESNEDA, F. M. **Manual da Filosofia Franciscana**. Tradução de Celso Márcio Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MERINO, J. A.. **Filosofia da vida**: visão franciscana. Braga: Franciscana, 2000.

PATTON, Francisco. ENTREVISTA. Qual a mensagem do encontro de Francisco com o Sultão? Disponível em: <https://bit.ly/3mz40vk>. Publicado em 15 de janeiro de 2019. Acessado em 06 de fevereiro de 2023

PEREIRA, William Cesar Castilho; COSTA, Domingos Barroso da. Os sete pecados à luz da psicanálise. GUIMARÃES, Joaquim Giovanni Mol (*et al.*). **O novo humanismo**: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2022. p. 439-474.

RODRIGUES, Ricardo Antônio. **A pessoa humana é relação**: pressupostos antropológicos no pensamento de Boaventura de Bagnoregio. Porto Alegre, RS: Letra & Vida, 2013.